

ECHO MUNICIPAL

ORGÃO LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

PROPRIETARIOS—MOREIRA & SEIXAS.

REDACTOR—Manoel Saturnino de Seixas

ECHO MUNICIPAL

9 de Março de 1879.

A Cremação.

(d' Caio Graccho)

Só agora podemos novamente encetar a discussão sobre este assumpto.

O nosso illustre contendor já escreveu dois artigos sobre o segundo que escrevemos, temos em vista somente o terceiro, onde ainda elle volta aos seus argumentos antigos tirados da historia.

Não tendo sido a cremação admitida pelos povos do paganismo, pelos christãos e pelos modernos commette o governo actual um absurdo estabelecendo-a.

Debalto de um ponto de vista não deixa da ter força essa argumentação, porque não deixa mesmo de infundir respeito o exemplo tirado dessas épocas onde também apparecerão genios que têm sabido atravessar todas as gerações, mesmo porque a humanidade no seu desenvolvimento está de hoje uma especie de cadaver que prende as diferentes épocas porque ella passa.

Os historiadores—philosophos, porém, é que fazendo um estudo e analyse minuciosa desses tempos e costumes aproveitão que é útil e bom, mas não ficam obrigados a seguir absolutamente tudo, e é porisso que se modificão sempre os costumes através dos tempos historicos da humanidade, é porisso que um certo e determinado tempo não se admittirá uma instituição qualquer, porém mais tarde será ella reconhecida como uma necessidade.

A historia da humanidade tem sua logica tambem, e não pôde fugir aos principios e luzes da philosophia, pois são duas irmanas que marchão sempre unidas.

Que reprobção solemne, por exemplo

não merecer as nações anteporphas por parte da civilização, mas que infelizmente ainda existem para vergonha da humanidade actual? Que importa o respeito que ellas devotão aos tumulos dos seus, se não respeitarem os vivos, pois devotão-se uns aos outros, com a mesma facilidade com que nós comemos o boi, a gallinha, o porco—animas dados por Deus para o nosso sustento?

Entretanto estas originaes nações parecem merecer o applauso do illustre contendor, porque adotão o tumulo dos seus, talves assim aos pés a opinião de illustres sociedades da Europa que admittiram a cremação, mil vezes esses selvagens adoptassem, porém respeitassem a vida, e não commettessem esse horror em alimentarem-se da carne do seus semelhantes!

O homem depois de morto, em pouco de verdadeira cinza, está que apparece logo, para o corpo não soffrer profanação. É uma verdade incontestavel. O nosso illustre contendor nunca deveria trazer uma argumentação tirada de desses povos que não de sempre inspirar horror á civilização.

Porém examinemos mais alguns argumentos, estes porém quasi que se resumem em duas idéas—1.ª que os cemiterios não são causadores dessas epidemias que desolam-se nos grandes centros populosos, tanto que os moradores proximos nada soffrem com isso. 2.ª que admittida a cremação—a fumaça que então sahir dos fornos crematórios causará maior mal ainda, porque haviã de viciar o ar.

Não são procedentes estas argumentações, porque tão convencidas estão as administrações sobre as exhalações dos cemiterios, que em geral são elles feitos em não pequena distancia das povoações, afim de prevenir os males que d'ali resultam, principalmente em occasões de epidemias, dá-se, é verdade a insignificante excepção de alguns moradores mui proximos não soffrem coisa alguma, mas isto não

constitue regra porque as exhalações que viciam o ar vão fazer mal mais longe. E nem a fumaça dos fornos crematórios pôde ocasionar novidade, porque como é sabido este elemento é absorvido pela parte vegetal.

Além, pois, de não ser contra a religião que professamos, porque as palavras da escriptura—pó, cinza e nada constituem uma realidade, não é possível pois que uma medida tão importante possa entrar na categoria dos diuerdos.

Em seus artigos subsequentes, principalmente no que temos á vista, temos notado que o illustre contendor, não se revellindo de d'aquella calma precisa para discurrir este assumpto social, tem procurado atacar o governo actual denominando-o governo dos absurdos, e então cita especialmente a guerra feita ao mesmo por dois senadores liberais.

Desculpemos porém o illustre contendor que lhe digamos, que embora proximamente a honestidade e os patrióticos sentimentos que ornão os srs. Silveira Lobo e Silveira da Motta, que á pezar de serem altes a titula por onde se dava guir o partido que dirige actualmente os destinos do Brazil, e avançamos esta proposição, por que entendemos que para a opposição ter um custo de honra envolver aquelles que nella se achão, precisa não ser baseada em principios egoisticos, sim, deve ser sincera e leal, porque esta ajuda o governo a desenvolver-se na senda da prosperidade, e não é então com espiritos como os seguintes—*grupo de fanáticos, grupo de ambiciosos*, aqui não se vê opposição, mas sim desforço pessoal, infelizmente estas palavras foram pronunciadas por aquelles que tiveram a honra de vir em auxilio da argumentação do nosso illustre contendor.

Quiz-nos fazer logo com pólvora de cinza, mas reflecta o illustre contendor que nem sempre esta especie de pólvora está

secca, e no melhor da festa ella falla sempre—os illustres senadores tão preconizados não são melhores que outros opposicionistas que penetrando nas puras e rectas intenções do governo, pertencem hoje aos seus arraiais, amanhã pôde lhes succeder o mesmo, e certo governista também.

Ja vê que desta forma, o governo, longe de ficar estrechado, se consolidará cada vez mais.

O illustre minist.

adoptando a idéa da cremação, não foi original, porque ella tem sido adoptada na Europa por illustres sociedades de homens das letras, quer na Inglaterra, n'Allemanha e França, e n'Allemanha se fez o primeiro ensaio, dando o melhor resultado possível.

Concordamos que hajão objecções fortes contra essa idéa, mas essas ainda não foram apresentadas pelo illustre contendor. Em conversação com um amigo, intelligente e ilustrado sobre este assumpto, ouvimos delle uma objecção, que reputamos a mais importante possível, que se for adoptada a idéa, incorrerá necessariamente a sua execução, no perigo de fazer desaparecer vestígios de crimes horrores, commettidos por meio do envenenamento; ora, sendo a exhumação mais evidente pelo qual se verifica a criminalidade, é claro que esta vem a desaparecer da legislação criminal, e a objecção é brillantemente fundada, principalmente considerando-se que segundo a authorizada opinião dos distinctos médicos legistas como Deverge e Orfila citados por Sedillot—há casos em materia de envenenamento que ainda passados 32 dias se descobrem vestígios de substancias venenosas que causarão a morte. O cadaver de Boursier em 1823 forneceu esse exemplo, e tem-se notado mesmo que o acido arsenico tem sido encontrado debaixo da terra, de pois de 7 annos.

O envenenamento que entre outros codigos constitue um crime, e entre nós é uma circumstancia agravante de crime, não

FOLHETIM DO ECHO

A LOUREIRA

Jovens Leitoras, ouvi-me. E' com vósco.

Tracta-se de um perfil de mulher, de um typo especial e *aus generis*, que constitua por si diminuta, mas manifesta fracção do vosso adoravel sexo;

Planta exotica e parasyta que infesta os nossos esplendentes vergéis americanos;

Entidade quicá pre-historica e antediluviana—*a mulher Loureira*.

D'entre o sem numero de creaturas que constituem os aureos elos da cadeia dos seres—sobre-sabe a mulher, a mais perfeita e mimosa das creações.

A mulher, essa entidade seraphica, o mais poetico e perfumoso ornamento das possas sociedades,—esse ser mysterioso, enigmatico, romantico, ideal ás vezes, outras—positivo

e delirante; agora divino, depois terroso e torcido; ora miragem ascella, ora anjo terrestre—heroina de um sem numero de heroicos feitos—mulher, que na eloquente phrase de A. Herculanio, uma vez «retirada do mundo e transformaria em urno melancolico e triste, onde o prazér seria apenas o preludio do tédio»; a mulher, perola preciosa da familia, perfil augusto e venerando do lar domestico; anjo tutelar do desventurado viajor que sossobra nos mares—irritados da existencia; a mulher—sant'elmo protector que nos conduz ao porto de salvamento e que semelhante á estrella do Oriente que guia os Magos ás terras de Bethlem ella tambem nos guia alumando-nos a senda trevoza nas escarpadas verdades da vida; a mulher, que inocula em nosso joven e tenro coração—com o materno e primeiro beijo—os sentimentos sublimes da honra, do amor, da dignidade, do trabalho, da resignação, da aspiração á gloria; a mulher—que faz crepitar em nós a fagulha do genio muitas vezes adormecido e ignorado; a mulher,—que, ainda não sendo Phryné nem Sapho, madame de Sevigné ou a divina Stael—ultrapassa-as quicá

no amor, na dedicação, na lealdade, na pureza de costumes, na amizade pura, desinteressada e franca; a mulher—que uma vez competetrada dos seus altos e melindrosos deveres, alcança a victoria de donar o mais duro e granitico coração, conseguindo mesmo a profissão de um verdadeiro culto aos seus semidivinos attributos... a mulher?... que digo eu?... é tudo, e tudo si engrandecerá com o seu engrandecimento moral.

Mas...

A' par das Judiths caminham as Dalilas.

A' par do amor—o odio; de bragos com a lealdade caminha a ironia a hypocrisia: creença e cynismo.

Leitora, aqui!

Vede uma d'essas criaturinhas amiguas, de olhar indicioso, affectando exaggerada modestia e pudicicia, olhos chammejantes; apaixonados agora, logo depois repellentes e reclinadores...

Vede ainda um d'esses mythos humanos que vos enche o coração de mil vaporosas esperanças, e que

logo após ter erigido um colossal mas phantastico monumento o derriba com o mais cynico, gelador e diabolico sopro!.....

Criaturinha flexivel que suspira amorosa e anhelante diante de vós: que chora, ri-se, lamenta, jura, protesta... e que mediante a escassa espessura de uma taboa do limiar do seu aposento—liberalisa eguaes blandicias, as mesmas meiguices a um terceiro, a um quarto, a um milhão de adoradores!....

E' A LOUREIRA

«Raga infame de vibras dolosas!
«Podeste uma só mão cont'as todas...
«E o piloto foz-e eu! Triumphe eterno!
«Livro éra o mundo, e os seculos vingados...
Como bem o disse Castilho.

Sabeis o unico bem que tem prestado, em compensação de immensos e irreparaveis males que tem trazido á humanidade o cortejo das Loureiras?

Só um.

A ellas se deve a produção do immortal poema de F. de Castilho—*O Bardo apaixonado*.

Contrabalancando, porém, o facto de haver-se enriquecido a república das letras com mais essa maravilha»

deixa pois de ser grande obstáculo à essa idea, tornando-se epiphora a exatidão—este poderoso auxiliar do auto de corpo de delicto, sendo por conseguinte bem fundada a opinião do amigo com quem discutimos, e estamos certos que não passará desapercibida essa objecção ao illustrado espirito do nobre ministro do Imperio, querendo pôr em execução essa medida levado sem dúvida pelas circunstancias anormalissimas em que se vê constantemente a Capital do Imperio—no que é perfeitamente justificavel o seu procedimento.

Terminamos a nossa discussao sobre este assumpto, agradecendo mais uma vez a maneira delicada e cavalheira com que se dignou tratar-nos o illustre conde.

Cincinnati.
Variedades

Matutina
(Vide o n. 32)

A dois mezes podia passar, si não feliz, tranquilla, ao lado de meu marido... mas vi-te um dia, desfalecido, quasi morto, que vinhas pedir um asilo em nossa casa. Nos teus olhos entrevi a felicidade que não gozava, e a tua voz narrando os feitos d'armas praticados nos combates reduziu-me e enleou-me. Desde então a paz fugio para bem longe de mim. Os remorsos perseguem-me dia e noite, e só a tua presença é que vem m'os acalmar um pouco. Mas hoje, te repito, não sei que presentimento synistro me persegue!

—São sonhos de tua phantasia exaltada. Não me vez a teus pés? porque temes, meu anjo? Não lês em mim que pelo teu amor renegaria a salvação?

A virago soprava com fúria forçada na selva, entre os espinhais, lugubre como um gemitido de desespero. E os dois amantes ficaram immo-veis.

Depois, com voz ainda tremula, interrompen o silencio Matutina.

—Ouviste? Ouviste o grito que chegou até nós, como um aviso do céu?

sa produção de um espirito culto, elevadissimo e apaixonado, a Loureira, deusão a que Castilho, na cegueira da paixão—tentasse confundir a mulher sensata e honesta com a caterva infame das septicas Loureiras.

Segundo 'Constancio, Loureira propriamente dita, epitheto substantivado pelo uso, significa—namoradaira, e cuja radical franceza é *loire* ou *leurre*—chamariz; ou *loirer*, hoje *leurrer*—enlaçar; d'onde conclue que Loureira ou namoradaira é aquella (mulher) que procura captivar os homens.

Notem bem: os homens, isto é, mais de um homem, muitos homens.

D. Francisco Manuel, em referencias ao vocabulo Loureira, disse:

«Cuido que assim lhe chamaram os nossos mayores para significarem que a qualquer bafio de vento se movião». As Loureiras, entenda-se.

A Loureira, dês da sua entrada apparatusa e triumphal para o gremio da sociedade em que gyra como astro luminoso acompanhado de satellite, a Loureira, digo, formulou um discurso seductor, fallaz, lisongeiro, pomposo e torpe; seductor por que compõe-se de palavrões bonitos, me-

Separemo-nos, separemo-nos, meu amor...

Deram-se os braços; ovio-se o estalar de um beijo, enquanto no bosque atravessava o mais espesso do silvado um homem correndo, os olhos injectados de sangue, o odio e a desesperação nas feições demudadas a bradar: «Traidores!»

O sol principiava a dourar os cumes do Apucarana. O firmamento ostentava nos sorprendentes arabescos cambiantes, de que se matizavam as nuvens, toda a sua belleza e esplendor. Pousador nas inúmeras arvores das florestas, milhares de passarinhos da mais vistosa e delicada plumagem gorgiavam saudando a aurora. As palmeiras erguiam-se altivas ebrindo os verdes leques onde, como pedras preciosas, brilhavam scintillando as lagrimas da aurora.

Muitas ygaras atravessavam lá da outra banda do Tietê, tripoladas por indios dando gritos de alegria e atirando para o ar nas extensas linhas de garças as afiadas setas dos seus plumosos arcos. Nas abas do Apucarana ouvia-se um ruido extraordinario e muito de estranhar, pelo silencio costumado que ali reinava.

Mais de vinte homens e algumas mulheres ordenavam os diversos aprestos para uma grande caçada.

No meio d'elles andava Pedro Juréa, e a linda Matutina. No rosto do caçador, e por baixo do seu largo chapéo desabado transparecia, a través da alegria fingida que mostrava, uma agitação que não podia reprimir e um sorriso infernal.

—Vamos, rapazes, companheiros! disse o cabeça do bando, não tarda que o sol fique alto, e afinal vejamos baldado o nosso trabalho, porque ja não encontraremos a beber no rio os nossos veados, nem tão pouco o cusado tapir que veio hontem, como em desafio, deixar quasi no caminho de minha casa o rasto de seus pés.

lilhos, adalutados, meigos inebriantes—ainda para os ouvidos os mais incredulos; fallaz, por que posto que brilhantes—as suas *aguas* são falsas: brilham como o ourupal; lisongeiro, por que nasce de um coração (?) endurecido pelo cynismo; pomposo, por que é uma dama, duas palavras enunciadas com engenho sempre merecem calorosas ovações; torpe, por que é sempre torpe dizer alguém caviliosamente aquillo que não sente.

A formula é sempre a mesma.

Isto, pouco mais, pouco menos:—Senhor P., ha quanto tempo que não tenho o prazer de vel-o!... não mais apparece?... é muito ingrato... esperei-o com o café, sim... com o café—hontem, ante-hontem... sonhei toda à noite que o via; ao passo que o senhor tem em tão pouca conta a leal amizade que de coração lhe consagro—que chega ao ponto de esquecer-se d'aquella que, pelo senhor é capaz de sacrificar a propria vida!... (Chora.)

F. agita-se na cadeira que occupa; quer precipitar-se aos pés da encantadôta creatura que lhe arguo, mas sente-se preso no logar em que está, ao passo que a Loureira, salvando o maravilhofo effeito da sua

Prompto! está tãdo prompto! gritaram os meços da montanha, procurando conter a furia de mais de trinta e tres poderosos cães, qua, impacientes, ladravam atroando os ares.

—Mas ainda se espera alguém.

—Esperar alguém? E aquem é que esperamos? disse Pedro Juréa, fingindo-se estranho ao que se passava. Serás tu, Matutina, que esperas alguma tua amiga?...

E nos olhos e no tom do caçador via-se mal disfarçada ironia.

Sua esposa tremia e abaixou a vista.

—Não se lembra de que convidou o sr. Alonso? disse ella.

—Ah! ah! ah! O sr. Alonso! Nem mais me lembrava já. E merecidamente para elle, senhores, merecidamente, por mostrar-se tão vago e não em participar dos nossos prazeres.

—Ei-o! ei-o! que chega!... rompeu o bando em gritos.

Matutina não pôde por mais que quizesse conter nos labios uma exclamação de vivo prazer que não escapou a seu marido.

Feitos os cumprimentos ao recém-chegado, recommençou o movimento que annunciava o momento da partida.

—Ora muito bem! meus senhores, agora que mais nada nos detem aqui—á caminho!

E a maior parte á cavallo embrenharam-se nos bosques acordando e fazendo fugir atemorizadas as aves pousadas na folhagem.

Continuar-se-ha

—Um Martyr—
CONTO ORIGINAL POR
Calanio Reperai.
Offerecido a
Euzio d'Albuera
Dedicatoria

Amigo:—Agora que estou completamente desembaraçado das occupa-

ções, declaro de amor, ri-se interiormente d'aquelle typo original-ingenho que, dotado de descommunal fatuidade,—dá credito ás palavras lisongeiros de refinada Sereia!

P. quer fallar, mas a voz morre-lhe nos labios: tal é a sua emoção e o prazer interior que o desorienta!

E a Loureira prosegue em meios de seducção.

Pinge distrahir-se com a conversação entabulada, deixa apparecer furtivamente um pesinho, um seductor pesinho, recosta-se mollicemente em um divan, volve os olhos, os grandes e tentadores olhos como que em muda contemplação, mostra-se descrente e ao mesmo tempo credula e insinuante.

A' mais disparatada e boçal palavra do feliz eleito apodera-se d'ella certo enthusiasmo que bem depressa se transforma em extasi contemplativo.

A' despedida, ella põe á F. que volte brevemente.

P. responde pela affirmativa, e eil-a que se afasta bem persuadido de que é realmente amado.....

A' tarde; P. seriamente impressionado das palavras sonoras que á pouco ouvira, passa e torna a passar

ções, que me absorviam todo o tempo e ideas e porque a illustre redacção do *Echo Municipal* me estende a mão de amigo, me anima, franqueando-me as columnas do seu jornal, talvez em detrimento proprio, para dar publicidade aos meus demeritos escriptos, agora, finalmente, que em meu favor se reúnem alguns elementos necessarios, não obstante a falta de illustração e intelligencia, que esses alliás essenciaes, nunca os possui, não posso, não devo mesmo deixar de publicar um facto, que, além de verdadeiro, casa-se com uma das paginas mais memoraveis do livro de minha vida.

Devo este preito ao martyr, que se finou, abraçado a um amor que elle quizesse morrer com elle, para salvar sua honra, que ameaçava eclipsar-se.

Morreu martyr, mas morreu immaculado!

Permitta-me, pois, que ainda esta vez te offereça o producto rachitico de minha debil intelligencia.

Accete indulgentemente a obra mesquinha do teu amigo.

Calanio Reperai.

CAPITULO I

Encontro

No anno lectivo de 1872 a 73 frequentava eu o ultimo anno de preparatorios na Polytechnica de Lisboa.

Que differença entre a vida do estudante em Lisboa e a vida do estudante em Coimbra! Aqui, irmãos todos os q'trajam uma batina, todos nos conhecemos, todos nos encontramos todos nos auxiliamos: lá, desconhecidos pela maior parte, mal nos cortejamos nas aulas, mal nos entrevemos ali, mal trocamos uma palavra.

Costumado a esta vida essencialmente franca do estudante de

em frente á casa da Loureira.

Não entra então, mas á noite esgueira-se pelas muradas e escuta a conversação animada que lá dentro duas vozes sustentam.

Uma—a voz insinuante da Loureira; outra, a de um outro feliz Adonis.

.....

Mas, oh fatalidade!! O mesmo discurso proferido ha pouco perante F., é agora reproduzido perante G.!

Textuaes palavras!....

F. horrorisa-se da farçante, tem nojo da Loureira-actriz, e como represalia, quebra o silencio da noite com uma gargalhada stridente e infernal.

..

Escuta, ouve-me Leitor.

Vindes de fixar attentamente o ligeiro esboço, o pallido perfil de uma Loureira commum. Sim! de uma Loureira que pôde ser loureira, por qu, tem o coração livre; que quer dizer uma d'essas jovens inexperientes que não tendo ainda transposto os umbraes do tempo para jurarem fidelidade, conservam-se livres de qualquer pacto serio:—são aquellas que se dizem—solteiras.

Coimbra, a estas nossas conversas, que se não versam sobre os estudos, sobre a boa lição de um condiscipulo, sobre a bella preleção de um professor, tractam dos nossos communs interesses, tractam dos nossos actos tractam das nossas aspirações, das nossas esperanças futuras, ou servem então de campo ao desenvolvimento de um espirito alegre e natural.—ao vêr-me alli rodeado de uma infinidade de condiscipulos, todos estranhos para mim, que apenas encontrava nas aulas, como cumprindo um custoso dever fallando só nas conversações as mais palpitantes de interesse para elles, do baile do ministro dos negocios estrangeiros, do beneficio do tenor de S. Carlos, dos trens do Marquez de Vallada, da politica do ministerio etc etc.—passavam-se-me os dias longos e tristes, e recordava com saudade a vida de estudante que tinha deixado ha pouco.

Aquella, quasi a não podia considerar como tal: o estudante vive para os seus livros e compa-nheiros no estudo; o mais são incidentes, são distrações que elle aproveita para restar as poucas horas, que lhe restam livres das suas occupações litterarias.

Alli não: o chamado estudante não é assim: vive nos passeios e cafés, goza nos theatros, ama os bailes: mas define-se em sua casa e morre em frente de um compendio.

Isolado no meio de uma grande cidade, entregue todo ao trabalho de minhas aulas, não convivia com pessoa alguma e era a minha vida monotonica e aborrecida.

Por este instincto, por esta necessidade que tem o coração, de encontrar um outro afimado pelo seu, com quem se entenda, debalde lançava a vista por sobre a multidão de pessoas, que encontrava, e por todos os meus proprios condiscipulos, a vêr se depararia alguém com quem travasse intimas relações. Ainda não poderá conciliar

Solteira quer dizer—ista de algum compromisso espirital e por conseguinte no uso-fructo de certa liberdade moral relativa que lhe permite, até certo ponto, fazer de suas acções o uso que lhe couvier.

Certamente a mulher honesta, sensata, ponderosa e casta jamais abusou d'essa liberdade de acção, ainda no gozo da mais ampla liberdade.

Ainda que a sua posição social seja revestida da maior somma de tolerancia que lhe faculta plenitude de direitos, a mulher grave e judiciosa, attendendo mesmo que é livre—refreia-se e esforça-se por dar ao seu procedimento certo que de coherencia com a propria dignidade.

Est'outra, porem, esquecida do que lhe fica bem, do que lhe fica mal, exorbita, joga-se nimamente livre, muito e muito livre e acaba por cahir no ridiculo e perfeccionando-se na ridicula e estulta mania das Loureiras.

Mas é moça solteira, coração joven e inexperiente, tudo, relativamente falando, é desculpavel; e quando a vaidade a conduz á triilha da Loureira, a sociedade fica quasi sempre perfeitamente vingada; e ella, a por-

mais que leve, conhecimentos.

Proximo da nossa escola ha um pequeno jardim aonde ás vezes passeavamos até a hora da entrada das aulas. Um dia, quasi no fim da primeira época, andava eu alli só quando ao passar junto de um pequeno caramanchão de heras e madre-silvas, ouvi, como o grito da alma, em que se transluz uma dor funda, energica, incuravel, uma voz que dizia meia abafada:

—Oh! que vida... que vida, meu Deus!

Parei, e levado pelo impulso do homem a socorrer um desgraçado, que se encontra, despertando tão bruscamente dos sonhos vagos da minha imaginação, procurei vêr quem poderia alli, sozinho como eu no meio da grande vida que nos cercava, tentar espargir as suas mágoas e lastimar-se em voz tão afflicta.

Deparei então com um condiscipulo meu, que mal ainda tinha entrevisto na escola: tão poucas vezes elle apparecia junto de nós. Sentado sobre um banco de pedra tinha a seu lado o bonet e os livros, e com olhos fitos no chão, descascava a cabeça sobre a mão direita, que, enroscada por entre os cabellos, parecia com um movimento convulso apertar os e querer arrancar os n'esse aperto. Demasiadamente pallido, os labios de momento a momento se lhe contrahiam levemente. Surdo e como fixo em um só pensamento não deo pela minha aproximação.

Era elle Alípio do Amaral, sargento de caçadores, que frequentava o curso de infantaria da escola do exercito.

Tendo concluido os seus preparatorios na escola Polytechnica fóra para a do exercito, e desconhecido de todos, apenas se dizia ser um rapaz pobre, da Beira; que fizera uma figura distincta nos seus primeiros estudos, mas que tinha o seu quê de magico. Dera já

bresinha enfatuada e vaidosa, (coitada!) paga com usura a sua levandade não encontrando em sua peregrinação um noivo que a mereça ou que a queira.

Entretanto....ha outra especie de Loureiras incomparavelmente mais perigosas e ridiculas que a que venho de delinear.

Dellas tratarei mais tarde...

OH! LOUREIRAS!!....

..

Leitora! por aqui....

Vinde com migo admirar as prodigiosas maravilhas d'este conjunto sorprendente e harmonico em sua apparente desordem, e que si chama mundo.

O ciciar da briza na folhagem, o tímido rumorejar da crystalina corrente que em caprichosas ondulações serpenteia na campina; o coachar da rã, o canto monotonico da cigarras, o dispartar festivo das aves domesticas, o balido da ovelha, o mugir do tonoro, o matinal pipilar da saracura, o trinado entusiastico do canario, o gemido saudoso da jury, o apitar entre-cortado do inhambô, a melodi-

este anno uma brilhante lição em uma das aulas, mas ha tempo paciencia não fazer case dellas; dava faltas, saia antes da hora e ás vezes nem trazia os compendios.

Nunca tinha attendido nem aquelles boatos, nem á pessoa que o fizera nascer. Reparei então em Alípio. Era um rapaz de vinte annos quando muito; de physionomia insinuante e sympathica e talhe elegante; trajava uma farja de saragoça fina; seu cabelo de um castanho claro, era comprido, mas trazido em estado de abandono; um quasi imperceptivel buço lhe assombrava o labio superior, e parecia invariavelmente fixo na mesma posição em que fóra surprehendido por mim.

(Continuar-se-ha)

NOTICIARIO

Qui pro quê.—Em o precedente n.º d'esta folha, quando noticiamos o facto lamentavel que se deu ultimamente no Passatempo, municipio do Cruzeiro, e sob a epigrapha—*Homicidio*, por um deploravel engano de revisão, demos como fallecido os golpes de Benedicta de tal o sr. Miguel Segundo.

Apressamo-nos entretanto em rectificar aquella noticia, restabelecendo a ordem invertida da oração.

O paciente, o fallecido fóra Francisco Passatempo e não o sr. Miguel Segundo, que goza perfeita saúde, e a quem pedimos desculpas por termos involuntariamente cometido em referencia á sua pessoa um tão pouco lisongeiro agouro, o que devêrmos lamentamos.

O sr. Miguel não tomou a mais pequena parte no lamentavel successo; ao contrario procura evital-o, expellindo do seu negocio aquelle casal mal intencionado, á quem não queria elle augmentar os máos intentos com fornecimento de aguardente.

Destacamento Policial.—Como era esperado, já se acha n'esta frequência o novo destacamento policial que vem substituir o antigo que vai ser recolhido á capital da provincia.

O novo destacamento que aqui chegou á 4 do corrente, vem acompanhado, como

osa canção do sabiá, os primeiros raios luminosos do sol rompendo as nuvens do occidente—essa maravilhosa transição de trevas e luz....que direi eu?...e tantas outras multiplas e variadas maravilhas da criação,—que significam si não o mais eloquente, o mais expressivo, o mais significativo e fervoroso hymno de louvor ao Creador?!

Ingenua, muda, porem sublime manifestação do fervoroso culto que rende a natureza ao Supremo Architecto, ao Supremo Author do Universo.

Vêde alem, nas alturas, o altivo condór que vence rapido e soberbo a immensidade?...

Vêde aqui em baixo, o reptil que rola do ventre contra o pó, que enrosca-se, que tomba, que tenta evanecer e novamente cahe?..

Sempre no pó...

.....
Aquelle—o soberbo e altivo condór recorda a mulher moral, cujas candidas azas, lá no sideres espaço, jamais roçam nos paes da terra.

Este—o sordido reptil é o symbolo degradante da mulher—materi-

já noticiamos, de um official de patente, o que será seu duvida, uma garantia para nós: por quanto, os seus subordinados o respeitarão em ordem á respeitar-nos, tambem. Temos lá que assim sera.

Lorêna.—Pela *Gazeta* e sómente pela *Gazeta* sabemos do apparecimento da mais um pequeno jornal naquella cidade. Segundo afirma aquelle primeiro periodico é o novo jornal exclusivamente creado para oppôr-se ás inverdades ditas em correspondencias pelo *Echo*. Nada temos que haver com isso, nem mesmo discutiremos com o collega á cerca da legitimidade ou não legitimidade das asserções avancadas pelo correspondente do *Echo*, uma vez que este organ de publicidade, ainda não se considerando um dos primeiros da provincia, e nem tão pouco o de mais miúda impressão, conta todavia já alguns serviços reaes prestados ao municipio que o vio nascer; e conseguintemente, alivie o coração de honra continuará desassombrado e de viseira erguida a caminhar por sobre os escolhos que em vão tentarem embargar-lhe o passo.

O *Echo* na sua missão elevada e nobre orgulha-se em declarar que acatará sempre os seus principios de liberdade, de real imparcialidade e de legitima independencia.

Aqui, na altura de nosso programma, a discussão seria e judiciosa sempre nos encontrará disposto.

Não discutimos, porem com illustres mascarados irresponsaveis, cuja unica garantia para a sociedade é a senha da policia, que tras pendente ao peito. Fazemos, entretanto, votos para que o novo jornal, a pequena vespa apresentada somente pela *Gazeta* caminha illesa pela senda escabrosa e acautelada que nos deo e que no decurso de sua roagem não tenha que arcar-se com

al, da mulher sensual, da messalina, da barrega, da aristocrata balôfa, cuja primeira phase fóra chamada *Loureira*.

A mulher, uma vez collocada no plano inclinado do vicio condemnavel rapidamente rolará para o charco immundo da prostituição, facilmente se transportará dos luzidos e esplendentes salões aristocraticos da *Loureira*, de onde transudam efflavios almiscarados, e onde imperam a ostentação e o fausto—para a possíglua tetrica do vicio,—para o antro nauseabundo e ennegrecido do crime.

E d'essa adoravel creatura outr'ora tão cheia de vida e mocidade, meiga, terna, amavel e candida, só restará um espectro horrendo, cujas faces descarradas, lividas e enrugadas farão recuar espavorido o crapulismo mesmo; cujo halito miasmatico e envenenado empestará o ar, e cujos monologos inintelligiveis provocarão, ou o rir convulso do cynismo, ou lagrymas unguidas de verdadeira compaixão.

Cachoeira, 1.º de Março de 1879.

M. S. de Seixas.

as fúrias de alguma gequitrana-boia, ou não seja desapidadamente ingerida por alguma boa constritor.

Truão.—O tranesco commandante do antigo destacamento policial que entre nós inutilizou-se completamente, com a perda do último requieiro de força moral que por ventura lhe restava—expagou a nossa povoação na madrugada de 4 do corrente com a sua retirada.

Boas ventos o conduzam á jamaica, e para bem longe! Para-hens á nós-mesmos.

Cadeira do sexo feminino.—Informam-nos que se recuou mais uma cadeira do sexo feminino para aqui. Carece de ser confirmada esta noticia, por isso que nada sabemos oficialmente. A ser exacto este successo, saudamos a mocidade feminina da Cachoeira com esse acto de caridade que lhe faz o poder.

Um foguete do ar-atirado inconvenientemente na tarde de 27 do passado da esquina fronteira á essa officina typographica, em vez de seguir á prumo, tomou vereda horizontal, e foi acabar de arder n'uma porta d'agua pouco distante d'alli; e foi isto uma felicidade, por que a não ter-se extinguido n'aquelle *busca-pé*, teria infallivelmente offendido a um grupo de senhoras que se achavam bem perto d'alli, por passeio.

O foguete na direcção que levava iria exactamente pôr em debandada aquelle rancho de desculposas passeantes que felizmente foram i-sentas do choque pelo facto de ter ficado em meio da carreira aquella importuna e mal acabada producção da arte polytechnica.

Fallecimento.—Rendeu a alma ao Creador, em Sant'Anna dos Toccos, municipio de Rezende, o sr. Tenente José de Alvarenga Freire.

Era o fido dotado de excellentes qualidades civicas; bom cidadão, bom amigo, protector da pobreza desvalida que encontrava n'elle um arribo; e como pae de familia foi exemplarissimo.

Perde a freguezia de Sant'Anna, com o passamento do Tenente José de Alvarenga um prestante cidadão, a patria—um dilecto filho e a sua illustre familia, a quem apresentamos os nossos pezaes, perde egualmente um dos seus mais distinctos membros.

Igreja do sr. Bom Jezus.—Infelizmente continúa paralizada a obra encetada da capella do sr. Bom Jezus d'esta freguezia. Appellamos para as almas caridosas, da sentença de indifferentismo a que tem sido votado aquelle pio estabelecimento.

A'quelles que, por amizade pessoal são merecedores das attentões de alguns dos srs. Deputados provinciales—compete interpor o seu valimento perante algum membro prestigioso da Camara provincial com o fim de obter-se uma verba para a continuação d'esta obra. A Igreja de Lcrêna já fôra lembrada pela Assembléa.

Mais de espaço trataremos largamente d'esta materia.

Cruzeiro.—Consta-nos que fôra tambem remetido para aquella Villa um destacamento policial de 4 praças que vem substituir ao que fizera retirar d'alli o digno Subdelegado sr. Deodato.

Arvore gigante.—Diz o «Alta»:

«Existe agora em São Francisco da California, um tronco que é o maior que ha no Novo Mundo.

Esta arvore, appellada o «Velho Moyses», foi descoberta em 1878, pelo naturalista Knowles, nas margens do Tule, a 75 milhas de Visalia.

A sua circumferencia tem perto de 100 pes, mais quatro pés do que a maior arvore da floresta da mariposa. A sua idade, segundo os calculos dos sabios, deve ser de 4,842 annos. Forão precisos sessenta e quatro cavallos para transportar para S. Francisco, no mez passado, o tronco do «Velho Moyses» cujo interior pôde conter 200 pessoas.»

Movimento parochial no mez de Fevereiro:

Baptizados:

Dia 5 Maria, filha de Domingos Pedro Teixeira e Bráulio Rosalina.
Dia 7 America, filha de João Rodrigues Correia e Maria Rita.
Dia 11 Adriano, filho de Francisco Theotônio da S. e Felicia M.
Dia 11 Nicolau, ingenho, filho de Rosaria, escrava de F. Theotônio.
Dia 15 José, filho do sr. Antonio J. da Costa Jr. e d. Anna M. Costa.
Dia 16 Francisco, filho de Rita Maria de Jezus.
Dia 16 Anna, filha de Joa. José do Esp. Santo e de M. Gertrudes.
Dia 26 Maria, filha de Josépha, escrava de Manoel R. de Oliveira.

Obitos no mesmo mez:

Dia 1. Francisco Rodrigues Souza, 40 annos, congestão.
Dia 6 Ludovina, parda, liberta, 17 annos, phthisia pulmonar.
Dia 8 Maria, 15 mezes; dentição.
Dia 13 Joanna, africana, 60 annos, escrava do dr. Costa; diarrheia.
Dia 14 America, 22 mezes, filha de João R. Correia e d. Maria Rita da Conceição.—Febre verminosa.
Dia 17 Anna, 9 dias, filha de Joaquim José e de Maria Gertrudes.

POESIA

LA ROSE DE MON JARDIN.

(A' Nhiquartimas.)

*Belle fleur enchanteresse,
Qui du jardin est la reine,
De mon cœur tire la peine,
Soi-tu ma vraie maitresse.*

*Reigns-toi dans mon cœur,
O' beauté de mon jardin,
Qui de près ou de loin
Repands le plus doux odeur!*

*Et tu o' rose benigne,
Qui vivifies la nature,
Fortifie la parure
De mon jardin la plus digne.*

*Et tu o' astre du jour,
Qui eclaires tout le monde,
De la lumière inonde
La rose belle toujours.*

*Je prie au Dieu Puissant
Pour la fleur des mes pensées,
La vie de long années,
Toujours belle e florissante.*

Logogriphe

*Si queres achar repulso
Para os fadigas diurnas,
Dou te segunda e primeira
Meu leitor que queres mais?*

*Primeira,tercia e segunda
Se um-s me pospizeres:
Por certo encontros um homem
Affeiçado á mulheres.*

*E' uma cama de lona
A primeira co'a segunda,
Primeira terceira e quarta
E' nome que pouco abunda.*

*Minha terceira e segunda
Põe um-nho-pr'a concluiras,
Encontrarás rico acarento
Si as syllabas bem reuniras.*

*A' terceira com a quarta
Juntos correm para o mar:
E findou se o logogriphe,
Conceito agora vou dar.*

Conceito

*Para que escolher nome
Ao menino a baptizar;
Eis um que prompto offereço
Sem cangar-me a procurar.*

Cruzeiro 1879

E. C.

A PEDIDO

A' ****

*Imosa estrella de meus céos de amores
Que quando divina florinha
Abre os prados a quem tanto adoro
Doado de Deus ah! gentil rainha
Coma agora em seus labios rubros
Aquelle ardente imprimir sonhando
No momento no sentir voando
Pelo espaço sempre unido a ti
Do innocente nosso amor cantando.*

Fevereiro, 26 de 1879. Cachoeira.

Anuncios

ADVOGADO

O Dr. José Ignacio de Macedo, Promotor Publico da Comarca de Lorena, advogado no civil, tem o seu escriptorio á rua direita em Lorena. 3—2

200-3000

ESCRAVO FUGIDO

Fugio da freguezia do Carmo, termo da cidade da Christina, provincia de

Minas, o escravo Braz, mulato claro, de 17 annos de idade, delgado, espigado, feições miudas, bons dentes, imberbe, olhos pequenos, bocca idem, tem uma pequena cicatriz pouco visível em uma das som-brancelhas; tem as pernas um pouco abertas para fora, ólla por baixo, e é pertencente a Antonio Joaquim de Castro.

Evadiu-se da casa do seu senhôr a 10 de Dezembro do anno passado, e sahio vestido com camisa de flanela, paletot preto forrado de baeta, chapéo côr de lebre, aba grande. Na occasião da fuga furtou um macho pinhão, curvado, feio, de meia idade trazendo n'uma das coxas as iniciais J. G.

Quem apprehender o escravo em questão e o entregar a seu senhôr na freguezia do Carmo, ou no Municipio do Cruzeiro ao sr. Saturnino Dias Telles de Castro será generosamente gratificado: quem o levar á casa de seu senhôr receberá a quantia d'uma e o que o levar á casa do sr. Saturnino Dias receberá metade d'esta quantia.

Convém notar que o escravo de que se tracta é assaz inclinado aos mane-jos de peão.

Desconfia-se que seguiu para os lados de Sorocaba. 3--2

Grande pechincha!!

Verdadeiras taboas de cedro por preços nunca vistos.

N'esta typographia se dirá quem vende.

YUVA COELHO & C.ª COM
Armazem de Carne seca e Mantimentos
3 Rua de S. Bento 3
RIO DE JANEIRO

Procurador e agente nas provincias de São Paulo e Rio de Janeiro o Sr. Capm. Nuno Domingues de Silveira Salgueiro.

Typ. do Echo Municipal. Cachoeira.